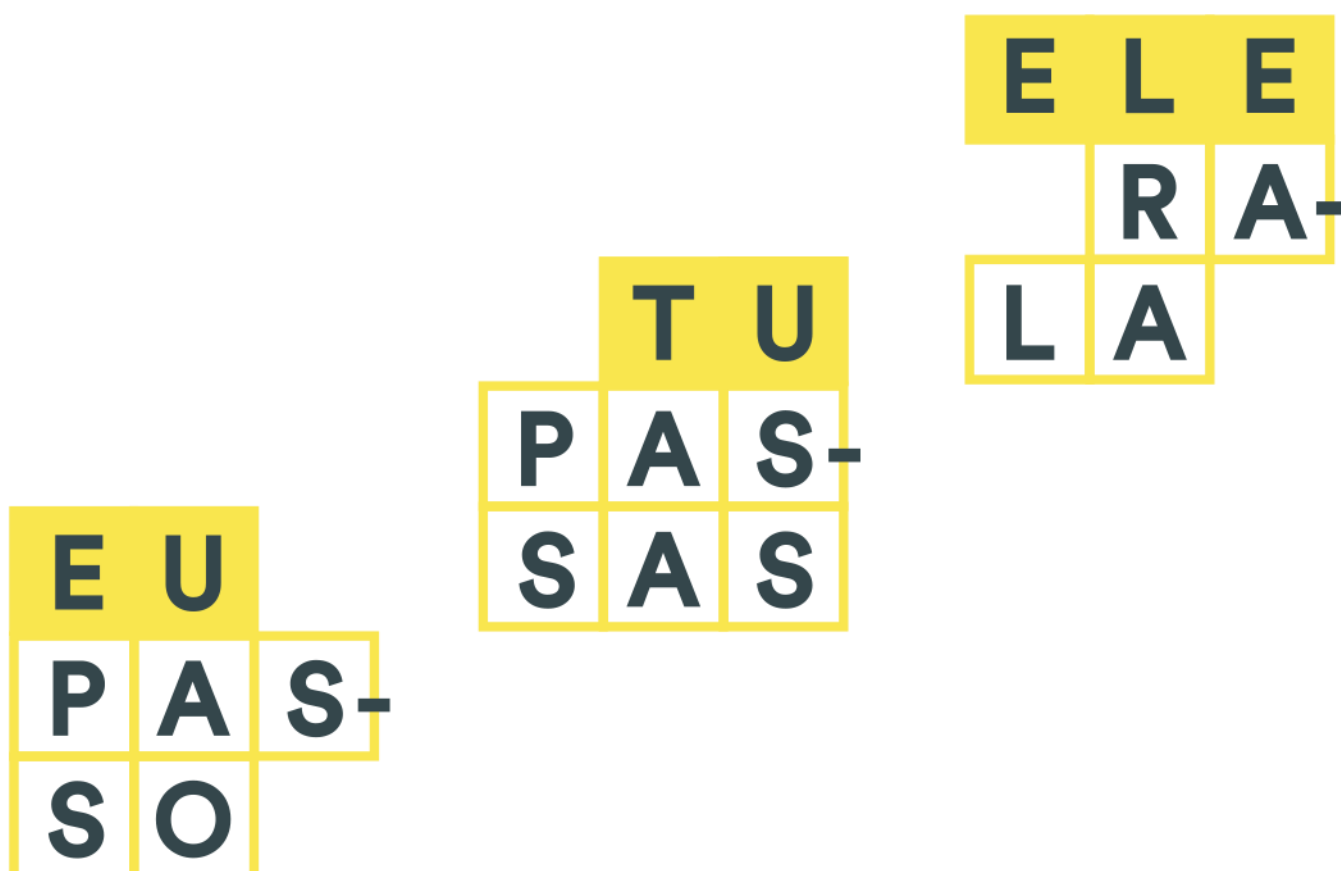


## *Exercícios Específicos de Interpretação III*



### *Exercícios Específicos de Interpretação III*

1. As questões abaixo tomam por base um fragmento da crônica *Conversa de Bastidores*, do ficcionista brasileiro Graciliano Ramos (1892-1953), e um trecho da narrativa *O Burrinho Pedrês*, do ficcionista brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967).

#### *Conversa de Bastidores*

[...]

Em fim de 1944, Ildefonso Falcão, aqui de passagem, apresentou-me J. Guimarães Rosa, secretário de embaixada, recém-chegado da Europa.

- O senhor figurou num júri que julgou um livro meu em 1938.

- Como era o seu pseudônimo?

- Viator.

- Ah! O senhor é o médico mineiro que andei procurando.

Ildefonso Falcão ignorava que Rosa fosse médico, mineiro e literato. Fiz camaradagem rápida com o secretário de embaixada.

- Sabe que votei contra o seu livro?

- Sei, respondeu-me sem nenhum ressentimento.

Achando-me diante de uma inteligência livre de mesquinhez, estendi-me sobre os defeitos que guardara na memória. Rosa concordou comigo. Havia suprimido os contos mais fracos. E emendara os restantes, vagaroso, alheio aos futuros leitores e à crítica. [...]

Vejo agora, relendo Sagarana (Editora Universal – Rio – 1946), que o volume de quinhentas páginas emagreceu bastante e muita consistência ganhou em longa e paciente depuração. Eliminaram-se três histórias, capinaram-se diversas coisas nocivas. As partes boas se aperfeiçoaram: *O Burrinho Pedrês*, *A Volta do Marido Pródigo*, *Duelo*, *Corpo Fechado*, sobretudo *Hora e Vez de Augusto Matraga*, que me faz desejar ver Rosa dedicar-se ao romance. Achariam aí campo mais vasto as suas admiráveis qualidades: a vigilância na observação, que o leva a não desprezar minúcias na aparência insignificante, uma honestidade quase mórbida ao reproduzir os fatos. Já em 1938 eu havia atentado nesse rigor, indicara a Prudente de Moraes numerosos versos para efeito onomatopaico intercalados na prosa. [...]

A arte de Rosa é terrivelmente difícil. Esse antimodernista repele o improvisado. Com imenso esforço escolhe palavras simples e nos dá a impressão de vida numa nesga de caatinga, num gesto de caboclo, uma conversa cheia de provérbios matutos.

O seu diálogo é rebuscadamente natural: desdenha o recurso ingênuo de cortar ss, ll e rr finais, deturpar flexões, e aproximar-se, tanto quanto possível, da língua do interior.

Devo acrescentar que Rosa é um animalista notável: fervilham bichos no livro, não convenções de apólogo, mas irracionais, direitos exibidos com peladuras, esparavões e os necessários movimentos de orelha e de rabos. Talvez o hábito de examinar essas criaturas haja aconselhado o meu amigo a trabalhar com lentidão bovina.

Certamente ele fará um romance, romance que não lerei, pois, se for começado agora, estará pronto em 1956, quando os meus ossos começarem a esfarelar-se.

*(Graciliano Ramos, Conversa de bastidores. In: Linhas tortas)*

### O Burrinho Pedrês

[...]

Nenhum perigo, por ora, com os dois lados da estrada tapados pelas cercas. Mas o gado gordo, na marcha contraída, se desordena em turbulência. Ainda não abaixaram as cabeças, e o trote é duro, sob vez de aguilhoadas e gritos.

- Mais depressa, é para esmoer?! – ralha o Major. – Boiada boa!

Galhudos, gaiolos, estrelos, espácios, combucos, cubetos, lobunos, lompardos, caldeiros, cambraias, chamurros, churriados, corombos, cornetos, bocalvos, borralhos, chumbados, chitados, varreiros, silveiros... E os tocos da testa do mocho macheado, e as armas antigas do boi cornalão...

- P'ra trás, boi-vaca!

- Repele Juca... Viu a brabeza dos olhos? Vai com sangue no cangote...

- Só ruindade e mais ruindade, de em-desde o redemunho da testa até na volta da pá!

Este eu não vou perder de olho, que ele é boi espirador...

Apuram o passo, por entre campinas ricas, onde pastam ou ruminam outros mil e mais bois. Mas os vaqueiros não esmorecem nos eias e cantigas, porque a boiada ainda tem passagens inquietantes: alarga-se e recomprime-se, sem motivo, e mesmo dentro da multidão movediça há giros estranhos, que não os deslocamentos normais do gado em marcha – quando sempre alguns disputam a colocação na vanguarda, outros procuram o centro, e muitos se deixam levar, empurrados, sobrenadando quase, com os mais fracos rolando para os lados e os mais pesados tardando para trás, no coice da procissão.

- Eh, boi lá!... Eh-ê-ê-eh, boi!... Tou! Tou! Tou...

As ancas balançam, e as vagas de dorsos, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estralos de guampas, estrondos e baques, e o berro queixoso do gado junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos de lá do sertão...

“Um boi preto, um boi pintado, cada um tem sua cor.

Cada coração um jeito de mostrar o seu amor.”

Boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando...

Dança doido, dá de duro, dá de dentro, dá direito... Vai, vem, volta, vem na vara, vai não volta, vai varando...

“Todo passarinh’ do mato tem seu pio diferente.

Cantiga de amor doído não carece ter rompante...”.

Pouco a pouco, porém, os rostos se desempanam e os homens tomam gesto de repouso nas selas, satisfeitos.

Que de trinta, trezentos ou três mil, só está quase pronta a boiada quando as alimárias se aglutinam em bicho inteiro – centopeia - , mesmo prestes assim para surpresas más.

*(João Guimarães Rosa, O burrinho pedrês. In: Sagarana)*

No artigo *Conversa de Bastidores*, publicado em 1946, Graciliano Ramos revela haver votado em Maria Perigosa, de Luís Jardim, e não em Contos, de Viator (pseudônimo de Guimarães Rosa), no desempate final de um concurso promovido em 1938 pela Editora José Olympio. Sem desanimar com a derrota, Guimarães Rosa veio a publicar seu livro, com modificações, em 1946, sob o título de *Sagarana*, que o revelou como um dos maiores escritores da modernidade no Brasil. Releia as duas passagens e, a seguir

a) Interprete o que quer dizer Graciliano, no contexto, com a expressão “achando-me diante de uma inteligência livre de mesquinhez”;

b) Localize, numa das cinco falas de personagens do fragmento de Guimarães Rosa, um exemplo que confirme a observação de Graciliano, de que o autor de *Sagarana*, ao representar tais falas, “desdenha o recurso ingênuo de cortar ss, ll e rr finais”.

- 2.** No conto *A hora e vez* de Augusto Matraga, de Guimarães Rosa, o protagonista é um homem rude e cruel, que sofre violenta surra de capangas inimigos e é abandonado como morto, num brejo.

Recolhido por um casal de matutos, Matraga passa por um lento e doloroso processo de recuperação, em meio ao qual recebe a visita de um padre, com quem estabelece o seguinte diálogo:

- Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?

- Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum... (...)

Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua

algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito.

- a) A linguagem figurada amplamente empregada pelo padre é adequada ao seu interlocutor? Justifique sua resposta.
- b) Transcreva uma frase do texto que tenha sentido equivalente ao da frase “não regateia a nenhum coração contrito”.

**3.** Ora, suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse; perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó: em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguímo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: Hic jacet<sup>1</sup>.

Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé-de-vento, levanta-se o pó no ar e que faz? O que fazem os vivos, e muitos vivos. **Não aquieta o pó, nem pode estar quedo: anda, corre, voa; entra por esta rua, sai por aquela; já vai adiante, já torna atrás; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra, em tudo e por tudo se mete, sem aquietar nem sossegar um momento, enquanto o vento dura. Acabou o vento: cai o pó, e onde o vento parou, ali fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é.**

*(VIEIRA, Antônio. Trecho do Capl V. do Sermão da Quarta-Feira de Cinza. Apud: Sermões de Padre Antônio Vieira. São Paulo: Núcleo, 1994, p. 123-4)*

1 – Hic jacet: aqui jaz.

Segundo o Novo Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa, “sermão” é um “discurso religioso geralmente pregado no púlpito”.

- a) De que forma o autor reproduz, no texto escrito, características próprias do discurso falado?
- b) O texto apresenta uma relação de oposição entre estaticidade e movimento. Indique, no trecho destacado em negrito, qual dessas ideias é abordada e a forma de construção de período utilizada para exprimi-la.

## Gabarito

1. a) Graciliano Ramos quer dizer que Guimarães Rosa não era uma pessoa mesquinha e não guardaria ressentimentos diante das críticas.  
b) “- Mais depressa, é para esmoer?!” – Nota-se como o r não foi cortado (esmoê seria o recurso ingênuo).
2. a) Sim, porque o campo semântico das metáforas (estribo, rédeas, algibeira) é compatível com o interlocutor, o fazendeiro Matraga.  
b) Há mais de uma. São elas: “não tira o estribo do pé de arrependido nenhum”; “o Reino do Céu, que é o que mais vale, ninguém tira de sua algibeira”.
3. a) O discurso falado tem como características principais a presença de interlocutores e um único espaço e tempo. Como marcas dessas características, temos a primeira pessoa do plural, *nós*, que marca tanto o emissor quanto o interlocutor e a sequência de perguntas, com o efeito de introduzir o interlocutor de alguma forma no diálogo. Os pronomes *esta* e *aquela*, cujos referenciais só podem ser obtidos no momento da fala, também são indícios fortes do discurso oral.  
b) Dinamicidade. O período é marcado pela coordenação, que cria um efeito dinâmico, de sucessão de ações.